

Mapas para o Antropoceno: um guia de leitura para o Feral Atlas

Por Yama Chiodi [1]

21/12/2020 - Pesquisadoras apresentam os desafios da comunidade científica em meio à pandemia, passando por diferentes temas: os principais interesses dos brasileiros, patentes e vacinas e artigos científicos publicados.

Tempos controversos

No início da década de 2000 um debate ganhou a atenção da imprensa e da comunidade científica. O ganhador do prêmio Nobel Paul Crutzen sugeriu que vivemos no “Antropoceno”, uma nova época geológica que substituiria o Holoceno. Embora não tenha sido o primeiro a sugerir-lo, o termo ganhou popularidade crescente nas últimas duas décadas a partir de sua proposição e o título de um de seus artigos mais citados dá o tom da narrativa: estariam os humanos prevalecendo sobre o potencial de destruição da natureza? (CRUTZEN et al., 2007).

Engana-se quem assume que essa popularidade se manifestou como apoio irrestrito à proposição do químico holandês. O termo é ainda hoje uma fonte inesgotável de debates acalorados tanto entre cientistas sociais como entre cientistas naturais. Cientistas naturais disputam ferozmente se haveria registros geológicos concretos para a inauguração de uma nova era geológica

batizada pela presença humana no planeta Terra e quais seriam esses registros. Cientistas sociais disputam quais marcadores históricos dariam origem ao Antropoceno e os riscos antropocêntricos que reativar a ideia de antropos parece impor. Essas controvérsias geraram uma série de conceitos mais ou menos análogos, que buscavam resolver parcialmente os problemas de unir a noção de antropos a uma nova era geológica: capituloceno, plantationceno e chthuluceno, para citar apenas alguns.

Apesar das controvérsias retroalimentadas ano após ano, cientistas de áreas diversas apostam no potencial que o termo teria para promover ciência transdisciplinar, com práticas científicas que não são constrangidas pelos limites das disciplinas científicas e integram as várias áreas do conhecimento. Entre esses cientistas, destaca-se a antropóloga da Universidade da Califórnia em Santa Cruz Anna Tsing, fundadora do projeto AURA (Arhus University Research on the Anthropocene) e uma das editoras do recém-lançado Feral Atlas (feralatlas.org), publicado pela Stanford University Press. A autora se tornou uma referência dos chamados estudos multiespécies pelo seu muito conhecido trabalho com os cogumelos matsutake (TSING, 2015) e o Atlas dá seguimento aos rumos transdisciplinares de sua pesquisa, sempre informada pelas teorias feministas e pelas relações entre capitalismo e mudanças climáticas. Ganhadora de múltiplos prêmios e bolsas internacionais, sua presença entre os editores dá grande visibilidade ao projeto.

Tsing e seus colegas conhecem em profundidade as críticas que a ideia de Antropoceno recebe de seus pares e as leva em consideração para a proposição de um outro

antropoceno, diferente daquele feito popular por Paul Crutzen. Confiando no potencial transdisciplinar do termo, a autora propõe uma disputa aberta pelo seu sentido, com um “antropoceno remendado” (*patchy anthropocene*). Essa outra abordagem para o antropoceno seria capaz de reconhecer manifestações locais e os modos profundamente diferentes com os quais as mudanças climáticas e o capitalismo afetam diferentes espécies, territórios, mas também seres humanos de diferentes raças, gêneros, etnias e classes sociais. O Feral Atlas é um projeto grande e complexo, quase faraônico, que envolveu mais de cem autoras e autores, para multiplicar e transformar um antropoceno remendado. O presente texto é uma espécie de guia de leitura, que visa explorar criticamente o Atlas mas também promover divulgação científica do seu conteúdo.

Um labirinto mutante

Minha intenção inicial era cobrir e introduzir o site para um público que não necessariamente seja composto por cientistas e pesquisadores, na forma de uma reportagem. Preciso informar, contudo, que tal intenção, bem como a forma e o conteúdo desse texto, foram afetados pela interação com o Atlas. Em ambos os casos o motivo é o mesmo: ainda que seja um projeto rico, criativo e inovador, navegar pelo Feral Atlas é bem menos acessível do que parecem acreditar seus editores. Além disso, uma pequena entrevista com Anna Tsing tinha sido agendada para a composição da reportagem, mas por conflitos de agenda com a antropóloga, isso acabou não sendo possível. O atlas está quase inteiramente em inglês, a quantidade de conteúdo é muito grande e emaranhada,

os textos muitas vezes são técnicos e, ainda, soma-se a isso o fato de que a navegação fluente pelas suas quase infinitas possibilidades parece exigir certo domínio dos conceitos que o atlas propõe (antropoceno remendado, infraestrutura, eventos ferais etc.) e de suas unidades estruturais (detonadores do antropoceno, tippers e qualidades ferais).

Minha proposta acabou transformada pelo desafio que é desvendar o labirinto do Feral Atlas. À medida que fui estudando e criando familiaridade com o projeto, o entendi como uma espécie de labirinto mutante, com três entradas, nenhuma saída e múltiplas transformações internas, que se modificam enquanto você navega. É muito improvável que você faça os mesmos caminhos a cada nova vez que interaja com site, pois cada clique abre muitas outras possibilidades de caminhos para seguir.

Por todos esses motivos, movi minha escrita para um guia de leitura que ajude as leitoras e leitores a navegar pelo Atlas conhecendo suas possibilidades, com a expectativa de contribuir para que ele seja um pouco mais acessível. Caso o texto pareça longo demais, peço que fiquem à vontade para eleger quais partes são mais necessárias para sua função primordial, que é ajudar a navegar no Atlas.

Como o nome sugere, o projeto é, em sua versão mais imediata, uma coleção de mapas. Mas chegar aos mapas e mesmo entendê-los como mapas pode ser desafiador - no bom sentido da palavra. Os mapas não necessariamente se apresentam como representações do espaço físico, mas por uma composição multimídia que envolve desenhos, poemas, vídeos, conteúdo técnico e científico, análises acadêmicas e a associação temporária

entre vários desses elementos. Antes de navegar na estrutura do atlas, contudo, um passeio introdutório por alguns temas e conceitos pode nos equipar para navegar melhor em seguida.

Três conceitos para começar

Foram três os conceitos que julguei seminais para navegar os mapas com fluência. É provável que quem quer que estude o Atlas tenha outras sugestões, mas aqui tentei me ater a um número que fosse o menor possível. São eles: feralidade, antropoceno remendado (patched anthropocene) e infraestrutura. Essa seleção pode se mostrar útil mesmo para aquelas que conhecem a obra de Tsing e que trabalham em áreas correlatas, pois o Feral Atlas dá sentidos bastante específicos para cada um desses conceitos. Por esse motivo, não devem ser tomados por seu significado mais comum em português ou mesmo por seu sentido mais popular na teoria social contemporânea.

Começando pela feralidade. Em português corrente, geralmente entende-se o feral como característica do animal que fugiu da domesticação para uma vida selvagem. Buscando o significado em inglês, alguns dicionários vão numa direção mais específica e mais próxima do Feral Atlas. O Cambridge Dictionary, por exemplo, define o feral como aquilo que está em estado selvagem, em especial animais que foram mantidos por humanos outrora. Mas o que caracteriza o feral do Atlas? Feral descreve algo que emergiu por meio de projetos humanos mas não é ou não pode ser controlado por humanos. Essa definição deixa o termo mais específico e mais amplo ao mesmo tempo. Mais específico

porque coloca mais requisitos. Mais amplo porque permite o uso desse adjetivo para uma infinidade de outras coisas que não apenas animais, ou seres que foram alguma vez domesticados por humanos. É por isso que se pode falar de eventos e efeitos ferais. Eventos e efeitos ferais se tornam visíveis quando buscamos e observamos as infraestruturas do antropoceno. Apesar desse potencial de expansão, o Feral Atlas dedica a noção de feralidade exclusivamente a não-humanos.

Infraestrutura é um termo que também ganha um sentido mais específico e mais amplo no Atlas. No uso corrente tendemos a pensar em barragens ou a rede de energia elétrica, por exemplo, mas aqui seu sentido exige atenção histórica e sociológica. Ainda assim, não se trata da mesma associação entre infraestrutura e rede, popular nos estudos sociais da ciência e tecnologia (STS). Aqui a atenção deve se voltar para um outro aspecto das infraestruturas, que foque nos efeitos materiais não planejados dos empreendimentos humanos de grande escala nas paisagens e ecologias. Para ver esses efeitos, deve-se perceber relações que escapam à intenção humana. Furar um buraco no seu quintal pode afetar a ecologia local, mas nesse sentido de infraestrutura é necessário pensar nos impactos estruturais da transformação antropogênica da terra. É como dizer que esses “impactos estruturais” estão vinculados ao Antropoceno. Eventos e efeitos ferais tornam-se visíveis quando observamos as infraestruturas de perto e seguindo feralidades outras infraestruturas se tornam visíveis. Assim, poderemos entender, por exemplo, que a expansão colonial europeia tem ligação direta com os surtos de febre amarela nas Américas: o *Aedes aegypti*, vetor da febre amarela e de várias outras doenças

virais, era um animal exótico ao continente americano até ter sido transportado até aqui nos navios negreiros que carregavam pessoas escravizadas oriundas do continente africano (EBRON, 2020). A expansão genocida do colonialismo europeu teve um efeito feral, não planejado, onde navios repletos de pessoas escravizadas se tornaram um ambiente de abundância de alimento para o mosquito, que acabou transportado ao continente americano. As epidemias de dengue, febre amarela, zika e chikungunya que ocorrem no Brasil contemporâneo têm sua dívida com a colonização europeia e com o encontro inesperado de diferentes infraestruturas, humanos, não-humanos e paisagens transformadas por esses encontros. Em resumo, no Feral Atlas infraestruturas são projetos humanos com impactos sociais e na paisagem, não planejados e de grande escala.

Por fim, chegamos ao antropoceno remendado (patchy anthropocene). O que o Feral Atlas pensa como antropoceno leva em consideração um recorte histórico específico, que são os últimos 500 anos. Ao invés de entrar em disputa aberta pelo evento histórico ou indício material que marcaria o início do antropoceno, aqui emerge um antropoceno mais amplo, com a minúsculo, que considera vários deles (que serão descritos em seguida como “detonadores do antropoceno”). A tradução “remendado” pode não ser a ideal, mas é um esforço de alcançar três de suas principais características. Primeiramente, rebater a ideia de um antropoceno que só possa ser entendido de modo global, apagando seus aspectos locais e a diferente gravidade com que as mudanças climáticas atingem diferentes habitantes da terra, humanos e não-humanos. Em segundo lugar, o termo reage a uma crítica de que estudar não-humanos

revelaria uma falta de preocupação com justiça social. Um antropoceno remendado exige atenção às diferenças de classe, território, raça, gênero, etnia e espécie. Por fim, a dimensão espacial, para além da temporal, que esse outro antropoceno exige (uma das razões pela escolha de um Atlas, talvez). São pelas paisagens modificadas que poderemos ver as infraestruturas e eventos ferais e, para esse objetivo, os relatórios de campo se tornam a metodologia mais apropriada.

Tendo esses três conceitos como ferramentas vamos ao Feral Atlas em si e entenderemos como ele se organiza, com um princípio em mente: precisamos aprender a contar histórias terríveis. Feralidades podem ser profundamente destrutivas e podem recuperar paisagens destruídas. O Atlas quer contar histórias que vão além do salvacionismo e catastrofismo (FERAL ATLAS AS A VERB, 2020).

Infraestruturas reveladas

No último dia 28 de outubro, Anna Tsing liderou um evento online produzido pelo Center for Cultural Studies da Universidade da Califórnia em Santa Cruz. O evento trazia a antropóloga para introduzir o Feral Atlas aos interessados. Marcado como reunião no Zoom, para permitir a participação direta daqueles que fizessem inscrição prévia, essa forma de evento foi abortada no dia anterior ao evento. Ao menos para a maioria dos inscritos. Todas e todos que se inscreveram para o evento receberam um email informando que o evento no Zoom seria destinado apenas ao corpo docente e discente da UCSC, aos demais restando acompanhar um streaming no Vimeo, sem a possibilidade de interagir com o evento, contudo. A debatedora

informou que a expectativa para o evento era de oitenta inscritos e até o dia anterior ao evento já havia mais de dois mil - quantidade de pessoas que de fato se mostrou presente no streaming feito pelo Vimeo.

Ainda que seja verdadeira a justificativa, uma conversa com colegas brasileiros que também participaram do evento mostrou um incômodo compartilhado. Primeiro porque nos pareceu equivocado que imaginassem que um evento online, com divulgação e inscrições abertas a todo o mundo, com a participação de uma acadêmica conhecida como Anna Tsing, pudesse atrair um número de pessoas que mal encheria um auditório. Depois, a decisão em fazer do evento no zoom exclusivo para a UCSC nos pareceu contraditória com a proposta política do Feral Atlas, ao reforçar infraestruturas que marcam diferenças. Do lado dos participantes mudos vimos do outro lado alguns rostos mundialmente conhecidos, como Donna Haraway e James Clifford, apenas para citar alguns. As perguntas para Anna Tsing ficaram restritas àqueles que participaram do evento pelo Zoom. Essa situação revelou e reforçou infraestruturas, mas não foi a única a fazer o mesmo em torno do site.

Em certo momento de sua apresentação, Tsing sugeriu que navegássemos todas juntas pelo Atlas, para percorrer na prática alguns caminhos dentro do labirinto. O que aconteceu em seguida foi que o site caiu, incapaz de lidar com tantos acessos simultâneos, o que gerou atraso e certa confusão no evento. Se infraestruturas se tornavam visíveis, aparecia também um efeito feral correlato. Por fim, a debatedora solicitou às/aos presentes que deixassem o site para que a própria palestrante projetasse sua tela em navegação pelo

site. Boa parte dos presentes, tanto do lado mudo como do lado de Santa Cruz, seguiram a orientação, pois o site voltou a ficar acessível. Na sequência, contudo, alguns dos que puderam fazer perguntas deixaram explícito que não seguiram a orientação, pois faziam perguntas específicas enquanto navegavam pelo Atlas.

Faço esse relato porque o considero importante para localizar alguns problemas que fazem parte de um antropoceno remendado. Por que usá-lo de introdução ao guia? Porque sigo a sugestão que Anna Tsing ela própria deu no evento: para entender um antropoceno mais que humano, comece das infraestruturas e dos efeitos não previstos associados a elas. Um evento para o lançamento do site não deixou dúvidas que as infraestruturas que compõem o Feral Atlas também são compostas de remendos de diferença. Uma característica do site mostra isso com precisão: repleto de animações, sons, vídeos e movimento, o site é muito demandante de banda e de uma conexão estável. Entrei no site incontáveis vezes nos últimos trinta dias e não foram raras as vezes que não conseguia acessá-lo por alguma instabilidade na rede de minha casa - que é de banda larga por cabo e custa cerca de R\$120 mensais. Além disso, o acesso por dispositivos móveis é quase impossível, não apenas pelo grande consumo de dados que o site exige, mas porque o Atlas foi pensado para ser visto numa tela grande. Em suma, há várias camadas de infraestrutura que selecionam quem pode navegar no site como ele foi imaginado e isso o torna mais complicado e bom para pensar. Não há dúvidas que são mapas pensados para serem lidos em condições ideais e, sabemos bem, condições ideais tornam o acesso muito mais difícil para alguns que para outros.

As infraestruturas do Atlas, quando visíveis, mostram feralidades não pretendidas que o próprio projeto gera.

Marcadores estruturais

As unidades centrais dentro do Atlas são os relatórios de campo (field reports), que são como verbetes para textos, vídeos, imagens e sons que contam uma história que segue figuras ferais. Há uma história dedicada ao elemento fósforo, outra ao vírus que causa a febre amarela, uma para gatos, outra para mirtilos radioativos entre outros quase oitenta. Cada relatório de campo conta uma história que aciona elementos de três eixos estruturais. Esses elementos permitem que sejam feitas ricas comparações entre as histórias, a partir de diferentes escalas. Explico melhor à frente como essa variação escalar aparece de múltiplas formas. São os três eixos que marcam a estrutura do Atlas: detonadores do antropoceno, tippers e qualidades ferais.

Os detonadores do antropoceno são os maiores eixos do Atlas: invasão, império, capital e aceleração. Cada um desses detonadores corresponde a um momento histórico de grande importância que já foi sugerido como momento de início do Antropoceno.

INVASÃO: Esse detonador tem como referência a invasão dos europeus ao continente americano. A palavra, contudo, não marca exatamente uma data, porque tem o sentido expandido para as invasões que ocorrem ainda hoje e aos efeitos direta ou indiretamente relacionados às primeiras invasões europeias.

IMPÉRIO: O segundo detonador tem como referência o estabelecimento dos impérios europeus, entre os séculos XVI e XX, e sedimenta o colonialismo como força política e social que transforma as paisagens do mundo, com efeitos que são profundamente destrutivos e visíveis até os dias hoje. A economia das plantations, a escravização dos povos negros e a colonização do continente africano são três de suas infraestruturas fundamentais.

CAPITAL: Tal como invasão e império são conectadas pelos duradouros efeitos do colonialismo europeu, esse detonador tem como referência principal a revolução industrial, mas está intimamente conectado com o marcador império. A força destrutiva do acúmulo de capital como princípio econômico fundante das políticas sociais e de expansão retomam a constituição das plantations - e aproxima as plantations da revolução industrial.

ACELERAÇÃO: Por fim, cruzando linhas de todos os detonadores, a aceleração tem por referência o que Paul Crutzen chamou de “grande aceleração”. Isto é, o aumento inédito e acelerado do consumo, da população humana, da presença de CO₂ na atmosfera, do uso de combustíveis fósseis, do número de restaurantes McDonalds e muitas outras coisas após o fim da segunda guerra mundial.

Como disse antes, os detonadores do antropoceno são as estruturas de maior escala dentro do Atlas e somente a eles é dedicado um mapa. Cada relatório de campo é associado a um dos quatro mapas, e alguns poucos a dois. Há, contudo, mais duas estruturas de menor escala que cruzam os relatórios de campo. A maioria deles estão associadas a apenas um

detonador, mas a múltiplos tippers e qualidades ferais.

Os tippers são verbos. Eles demarcam uma ação pela qual as águas, terras e ares foram transformados por efeitos e eventos ferais. O Atlas os define como modos de mudança de estado mediados por infraestruturas. São sete verbos originais, adicionados do convite aos leitores de acrescentar outros: pegar (take), canalizar (pipe), enredar (grid), queimar (burn), esvaziar (dump), amontoar (crowd) e aumentar/diminuir a velocidade (smooth/ speed). Todos eles mostram meios pelos quais infraestruturas humanas provocam transformações. Alguns relatórios de campo acionam vários tippers, outros, apenas um. Cada história parece pedir diferentes elementos relacionados.

As qualidades ferais são a classe de menor escala que permite agrupar e comparar histórias. Elas buscam elementos dentro dos relatórios de campo, em passagens do texto que indicam uma habilidade que certos seres ferais têm. São dez dessas habilidades e num mesmo relatório de campo podem aparecer vários. 1. Passageiros clandestinos da era industrial; 2. Gosta de perturbação humana; 3. Incontível; 4. Parceiros; 5. Ambiente tóxico; 6. Cresce em condições de plantação; 7. Acelerado pelas mudanças climáticas; 8. Efeitos de legado; 9. Superpoderes; 10. Criaturas da conquista. As qualidades ferais ajudam a responder a seguinte pergunta: como agem as ecologias ferais? Aqui importa então uma relação entre uma figura feral qualquer e a infraestrutura, ou ainda, a habilidade específica de uma certa figura feral que faz dessa relação digna de nota.

Combinados alguns elementos de cada um dos três trechos você tem uma composição que formula a figura feral do relatório de campo em questão. Eu espero que a configuração fique mais clara com exemplos concretos, a seguir. O relatório de campo de Paulla A. Ebron que citei antes, “Navios negreiros foram incubadores para doenças infecciosas”, por exemplo, assinala o detonador IMPÉRIO, o tipper AMONTOAR e cinco qualidades ferais: Passageiros clandestinos da era industrial; Gosta de perturbação humana; Acelerado pelas mudanças climáticas; Parceiros; E superpoderes. Essa composição específica é única e só é atribuída a figura feral *Aedes aegypti*. Tal como o ciborgue e o pensamento tentacular de Donna Haraway, o que está em jogo é a reconfiguração, onde as combinações de um número *n* de elementos se tornam infinitas (HARAWAY, 2016).

A partir daqui, sugiro que a leitura seja acompanhada do Feral Atlas (feralatlus.org) aberto em outra aba do seu navegador.

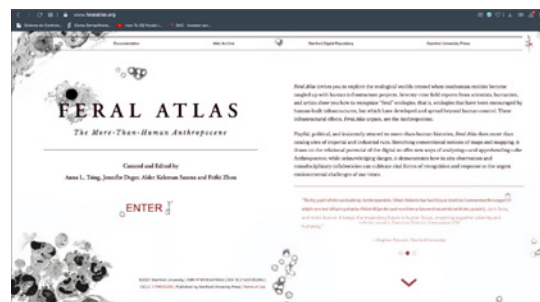


Figura 1 - Homepage do Feral Atlas.

Três entradas para o labirinto (e as gavetas reviradas)

O Feral Atlas foi criado para premiar a exploração. É como ele se apresenta na voz de seus editores (HOW TO READ FERAL ATLAS, 2020). Dentro dele, as usuárias e usuários têm três modos de telas interativas para explorar os relatórios de campo. São 1. quatro mapas; 2. a página principal inicial onde ilustrações flutuam sobre um fundo branco; 3. ou ainda o super index, que organiza o conteúdo do Atlas em uma tabela que parece uma matriz. Cada um desses caminhos é o que chamei de entrada para o labirinto. Dentro do labirinto as possibilidades são quase infinitas e muito diferentes dependendo de qual entrada a usuária e o usuário escolhem para entrar. O conteúdo principal do Feral Atlas são os relatos de campo, que somam 79, mas também há muitos textos de apoio, textos para cada um dos conceitos e também um programa para que professores usem o site como material didático. Alguns desses conteúdos estão escondidos e só são revelados com o clique certo, como vídeos e poemas - são os prêmios aos exploradores, que não vou mencionar aqui. Peço licença para o uso de fotografias do site para que eu possa demonstrar o que chamei de três entradas (e as gavetas reviradas).

1. Primeira entrada: página principal

Ao acessar o feralatlas.org, uma tela inicial indicará uma chave para entrar. Clicando nessa chave há um direcionamento à página principal do Atlas.

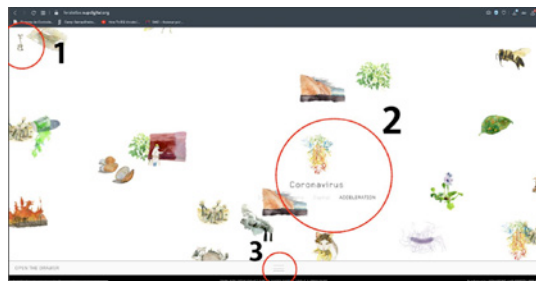


Figura 2 - Página principal do Feral Atlas. Traços vermelhos feitos por mim.

Na página principal, ilustrações de figuras ferais que protagonizam relatórios de campo flutuam sobre o fundo branco. Um clique na chave (número um) leva você para a segunda entrada do labirinto, o super index (ver abaixo). O número dois indica o que acontece quando você passa o mouse sobre uma figura: o nome da figura feral daquele relatório de campo aparece, bem como a qual detonador do antropoceno ela está associada. Ao clicar na figura feral CORONAVIRUS você é levado a um dos mapas, ACELERAÇÃO, na escala aproximada que exhibe o link para o relatório de campo. Os mapas são a terceira entrada no labirinto e são descritos abaixo. O número três na Figura 2 indica a ação “abrir a gaveta”. Qualquer que seja a página que você estiver no site, a gaveta é um recurso de apoio. Toda vez que você abre a gaveta, uma lista de textos de apoio associados à página que você se encontra é aberta.

2. Segunda entrada: os mapas

Os mapas do Feral Atlas permitem uma brincadeira com escalas. Se você chega ao mapa pela página principal, já o verá na escala em que se encontra a figura feral que você clicou. Seguindo a figura feral mostrada na Figura 2, é isso que você verá:

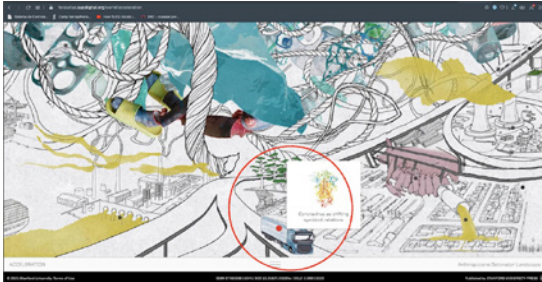


Figura 3 - Coronavírus no mapa ACELERAÇÃO. Traços vermelhos feitos por mim.

O mapa fica repleto de bolinhas vermelhas e pretas. Cada bolinha é um relatório de campo diferente. Desse ponto, você pode continuar sua visita pela figura que clicou originalmente, ou explorar escalas para encontrar outras bolinhas escondidas no mapa.



Figura 4 - Mapa ACELERAÇÃO completo, em sua maior escala, como visto no Feral Atlas.

Quando você explora diferentes regiões do mapa com diferentes escalas, novas bolinhas surgirão, indicando outros possíveis relatórios de campo para leitura.

3. Terceira entrada: o super index

Só existem dois botões em todas as páginas do Atlas. Um é a gaveta, os três traços na parte inferior central da página, e o outro

é a chave que leva ao super index. O super index é uma tabulação dos três marcadores estruturais. Na primeira linha superior, ele exhibe os detonadores do antropoceno. Se você clicar sobre o nome de um detonador, o Atlas te levará ao mapa correspondente. Na primeira coluna da esquerda, estão listados os tippers. Na última coluna, à direita, estão as qualidades ferais. Clicar nos nomes em ambas essas colunas leva a alguns dos conteúdos escondidos.

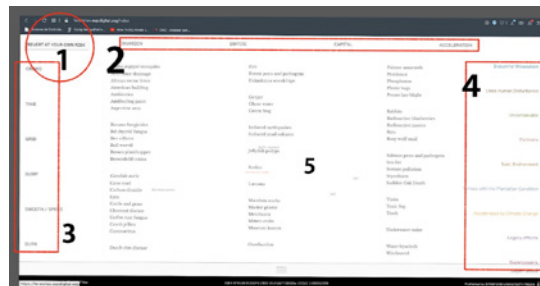


Figura 5 - A organização do super index cruza os três marcadores estruturais com as figuras ferais, numa espécie de matriz. Traços vermelhos feitos por mim.

O número um, “Volte por sua conta em risco”, indica um retorno à página inicial. O número dois, os detonadores do antropoceno. A coluna indicada como três, os tippers; a coluna indicada como quatro, as qualidades ferais. Por fim, as três colunas do meio, cinco, organizam em ordem alfabética todas as figuras ferais. Ao passar o mouse sobre os nomes dessa tabela (sem clicar) é que a mágica acontece. Deixando o mouse sobre o mosquito *Aedes aegypti*, por exemplo, exibe o nome da autora que fez o relatório de campo que tem o mosquito como protagonista e deixa visível apenas os marcadores estruturais relacionados diretamente,

que compõem o mosquito no Atlas. No caso, o detonador IMPÉRIO, o tipper CROWD e várias qualidades ferais. O mesmo vai acontecer em caso de interação com outras palavras.

uma série de outros que fazem parte de sua composição. Imagens produzidas para esse texto, não estão no Atlas. Aedes aegypti (7); EMPIRE (8).

A variação escalar a qual me referi também aparece de outras formas. Quando as usuárias e usuários abrem um relatório de campo, passagens do texto ficam marcadas e mostram outras possibilidades de navegação. Cada um dos retângulos que juntos compõem o círculo *Aedes aegypti* (Figura 8) tem seu link navegável em partes marcadas do texto escrito por Paulla A. Ebron. Além disso, o pé da página sugere outras figuras ferais associadas que podem dar prosseguimento ao labirinto. Em resumo, os caminhos são infinitos porque há sempre a possibilidade de comparar duas figuras ferais ou mais por uma característica em comum ou por características diferentes. O labirinto exhibe combinações, mas nós podemos criar outras combinações com o conteúdo do Atlas.

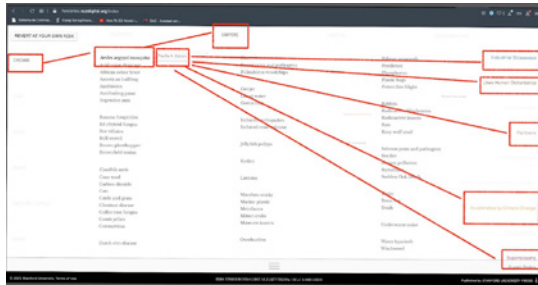


Figura 6 - Colocando o mouse sobre uma figura feral, o super index dá destaque ao conjunto que faz a composição do relato de campo. Traços vermelhos feitos por mim.

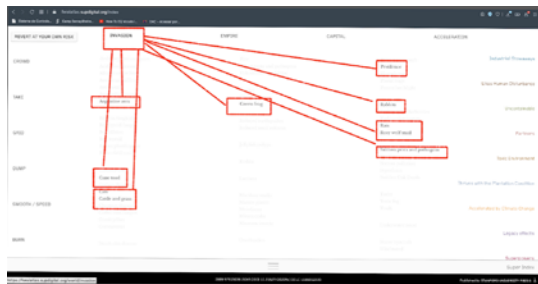
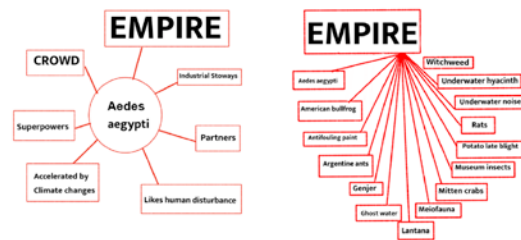


Figura 7 - Colocando o mouse sobre INVASÃO exhibe quais figuras ferais são unidas por esse eixo. Traços vermelhos feitos por mim.



Figuras 8 e 9 - Essas imagens ilustram a variação escalar e as combinações possíveis que ficam visíveis no super index. Cada termo abre

Nas Figuras 8 e 9 o que vemos é como podem ser formuladas as composições. O mosquito é formulado por uma composição parcial dos termos à sua volta. Ele não é todo o IMPÉRIO, nem todo AMONTOAR, mas é parte deles, e divide essa característica com as formigas argentinas e com os ratos, por exemplo. Em comparação, poderemos concluir que há um pouco de rato e de formiga argentina no mosquito. De modo análogo, o mapa império é composto por todas as figuras ferais da Figura 9. Se cada figura feral da imagem abrir como a Figura 8, temos dimensão que esse exercício não tem fim e oferece muitas possibilidades analíticas. Os quatro mapas do Feral Atlas são, portanto, o eixo de maior escala porque são feitos pela composição de muitas figuras ferais diferentes. Contudo, no fim fica compreensível que os mapas são

mais que quatro. Afinal, se cada figura feral é uma composição, tal como os mapas dos detonadores do antropoceno, cada relatório de campo vai ser um mapa também, de um jeito menos óbvio, à sua própria maneira.

4. A gaveta revirada

Há uma última página no site sobre a qual quero falar, especialmente porque é um pouco difícil de entender. Há tantas possibilidades de interação no site que nos sentimos perdidos nas primeiras visitas. A gaveta está sempre disponível na barra do site e oferece textos de apoio quando é aberta. Toda vez que se abre a gaveta um botão na parte superior direita do site oferece uma “sala de leitura”. Clicando nesse link você é levado para um índice muito organizado, que mostra os conteúdos de todas as gavetas do Atlas.

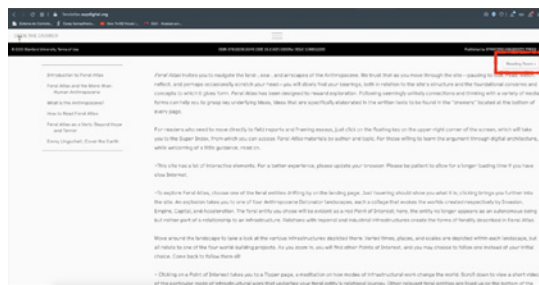


Figura 10 - Canto superior direito de qualquer gaveta aberta exhibe o botão “Sala de leitura”, que leva a um índice organizado de textos de apoio. Traços vermelhos feitos por mim.

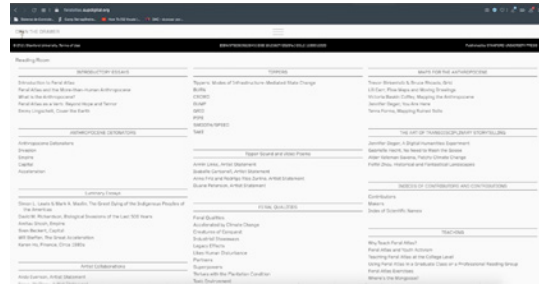


Figura 11 - Fotografia da seção “sala de leitura” do Feral Atlas.

Espero ter conseguido ser convincente do porquê vejo o Feral Atlas como um labirinto com três entradas e nenhuma saída, tal como o trabalho teórico de Anna Tsing, que vem argumentando por finais abertos, sem conclusões que encerram o processo do pensamento:

Em “The Carrier Bag Theory of Fiction”, Ursula K. Le Guin argumenta que histórias de caça e morte permitiram a leitoras e leitores imaginar que o heroísmo individual é o que importa numa história. Ao invés disso, ela propõe que contar histórias é juntar coisas de significado e valor diverso, mais como catadores do que caçadores esperando por sua grande caça. Nesse tipo de contar história, histórias nunca terminam, pois lideram o caminho para novas histórias (TSING, 2015, p. 297, tradução nossa).

Depois de escolher o caminho para a entrada, os caminhos possíveis são praticamente infinitos. Convido a todas e todos que leram esse texto a brincar com os labirintos ferais sem tentar controlar o que virá em seguida. Sua força reside exatamente em nos fazer atentas ao poder explicativo dos encontros não planejados e é natural que tentemos extrair esse tipo de força do Atlas. O Feral Atlas não é sobre as histórias que ele contém, mas sobre

a potência das histórias que virão depois de muitas visitas aos labirintos mutantes e suas gavetas.

TSING, Anna. *The mushroom at the end of the World: on the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton University Press, 2015.

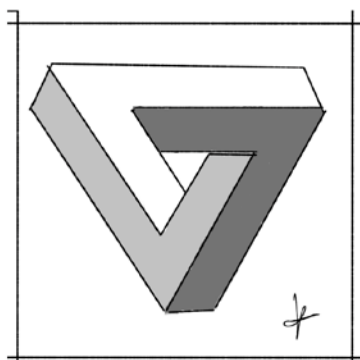


Figura 12 - Ilustração de um triângulo de Penrose, um famoso "objeto impossível", feito para esse texto.

[1] Antropólogo. Doutorando em Ciências Sociais (Unicamp) e Mestre em Divulgação Científica e Cultural (Unicamp). E-mail: yama.chiodi@gmail.com.

Referências

CRUTZEN, Paul et al. The Anthropocene: are humans now overwhelming the great forces of nature? *Ambio*, v. 36, n. 8, p. 614-621, 2007.

EBRON, Paula A. Slave ships were incubators for infectious diseases. 2020. In: *Feral Atlas*. Disponível em: <https://feralatlantlas.supdigital.org/poster/slave-ships-were-incubators-for-infectious-diseases>. Acesso em: 5/12/2020.

FERAL ATLAS AS A VERB: beyond hope and terros. 2020. In: *Feral Atlas*. Disponível em: <https://feralatlantlas.supdigital.org/?cd=true&bdtext=feral-atlas-as-a-verb-beyond-hope-and-terror>. Acesso em: 5/12/2020.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble: Making kin in the Cthulucene*. Duke University Press, 2016.

HOW TO READ FERAL ATLAS. 2020. In: *Feral Atlas*. Disponível em: <https://feralatlantlas.supdigital.org/?cd=true&bdtext=how-to-read-feral-atlas>. Acesso em: 5/12/2020.